
O DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DE AMARTYA SEN E ADAM SMITH

Thaís Alves Costa

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo avaliar em que medida a releitura que Amartya Sen faz acerca da obra de Adam Smith permitiria vislumbrar a economia internacional como promotora do desenvolvimento humano. Para tal, inicialmente, apresentaremos a releitura seniana da obra de Smith, focando em suas preocupações éticas, para em seguida, apresentar o modelo de justiça de Amartya Sen que visa à promoção do desenvolvimento humano através das liberdades. Para isso, utilizaremos como fio condutor dessa pesquisa as obras *On ethics and economics* de Amartya Sen e *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of the Nation* de Adam Smith.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Economia. Liberdades. Mercado.

Abstract:

*The purpose of this paper is to evaluate the extent to which Amartya Sen's re-reading of Adam Smith's work would provide insight into the international economy as a promoter of human development. To do so, we will firstly present the senian re-reading of Smith's work, focusing on his ethical concerns, and then presenting the Amartya Sen justice model aimed at promoting human development through freedoms. For this, we will use as the guiding thread of this research the works *On ethics and economics* from Amartya Sen e *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of the Nation* from Adam Smith.*

Keywords: *Human Development. Economy. Freedoms. Market.*

Introdução

Responsável por um modelo ético pautado na diversidade humana e na aproximação da ética com a economia, o filósofo e economista indiano Amartya Sen possui inúmeras produções relacionadas aos estudos econômicos e políticos que contribuem para a criação de inúmeras políticas internacionais de desenvolvimento humano, bem como propõe novas maneiras de lidar com a igualdade e o problema ético da pobreza¹. Em seus escritos é possível encontrar a preocupação mor em traçar uma teoria política de justiça que é diretamente influenciada por sua interlocução com John Rawls, que deu folego às discussões acerca da política por meio do livro *Theory of Justice* (1971) e de Adam Smith através da sua obra *The Theory of Moral Sentiments* (1759) e *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of the Nation* (1776).

Dentre as principais contribuições de Sen para a teoria econômica internacional e as ideias de desenvolvimento econômico, encontra-se a releitura que o economista faz da teoria de Adam Smith, levando a sua interpretação para patamares muitas vezes esquecidos pela economia moderna, qual seja, a teoria econômica atrelada à psicologia moral, que proporcionará uma economia de mercado mais complexa do que, simplesmente, deixar que “a mão invisível do mercado” aja livremente.

Pretendemos, nesse *paper*, analisar a releitura de Amartya Sen acerca da obra de Adam Smith, para em seguida mostrar como Sen propôs o seu modelo de justiça que visa a proporcionar o desenvolvimento humano através de um novo paradigma da economia, que leva em consideração vários elementos para justificar o comportamento humano. Para isso, num primeiro momento apresentaremos a análise de Sen sobre a teoria smithianas que, ao que veremos não é uma defesa pura da desregulamentação absoluta dos mercados, mas também de preocupações éticas e de busca de resoluções

1 Amartya Sen recebeu juntamente com o economista paquistanês Mahbub Ul Haq o prêmio Nobel de economia em 1998, dada a criação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 1993. Esse índice é hoje utilizado nos relatórios da ONU e considera não só aspectos econômicos como as características sociais, culturais e políticas dos indivíduos. Confira o relatório de Desenvolvimento Humano de 2015, disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf>. Apenas para citar, os artigos XXIV 3 e XXIV 5 do GATT de 1994, são cláusulas que garantem o tratamento preferencial para os países em desenvolvimento, permitindo o tratamento preferencial nas questões envolvendo comércio e relações aduaneiras. Confira o General Agreement on Tariffs and Trade 1994, disponível em: <https://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/06-gatt_e.htm>.

dos problemas sociais. Em seguida, será apresentado o modelo de justiça seniano que visa à promoção do desenvolvimento humano por meio das liberdades. A partir disso, poderemos verificar se a economia internacional analisada sob o viés smithiano será ou não capaz de promover o desenvolvimento humano como requer Amartya Sen.

1. Amartya Sen e a releitura de teoria de Adam Smith

Amartya Sen propõe que as sociedades devem orientar suas atitudes políticas e econômicas através de princípios éticos que respeitem todos os indivíduos e valorizem suas particularidades, ampliando o desenvolvimento humano como um todo. Para isso, propõe a aproximação entre Ética e Economia caracterizando a pessoa na condição de agente² que dotado de uma concepção ética, tem condições de minimizar o seu autointeresse ao invés de maximizá-lo, como proporia a economia moderna³. Segundo Sen, a Economia e a Ética se distanciaram gradativamente ao longo do tempo, o que influenciou na preocupação humana com o bem-estar e, conseqüentemente, com as relações de mercado, alterando negativamente o comportamento das sociedades que alicerçadas no pragmatismo, passaram a se preocupar apenas com o acúmulo de bens e riquezas⁴. Como consequência, multiplicou-se as grandes desigualdades sociais e a pobreza absoluta. Para evitar tais problemas e buscar promover o desenvolvimento humano, Sen retoma os clássicos econômicos para instaurar uma nova concepção de economia internacional mais preocupada com os aspectos individuais.

Partindo dessa perspectiva, Amartya Sen traz aspectos da teoria de Adam Smith que são considerados por ele mal interpretados por muitos economistas, a saber: *i*. O

2 Para Sen, agentes são os “beneficiários e juízes do progresso, mas também são, direta ou indiretamente, os meios primários de toda produção. Esse duplo papel dos seres humanos dá origem à confusão entre fins e meios no planejamento e na elaboração de políticas”. (SEN, 1993, p. 01).

3 Na obra Sobre ética e economia, Sen afirma que a abordagem da racionalidade como autointeresse “tem sido uma das características principais da teorização econômica predominante (...) implica, inter alia, uma decidida rejeição da concepção de motivação ‘relacionada à ética’”. (SEN, 1999b, p. 31).

4 Para Sen, a Economia tem duas origens distintas: como política e como engenharia. Para ele, a primeira é relacionada à teoria aristotélica e “embora relacionado imediatamente à busca da riqueza, em um nível mais profundo está ligado a outros estudos, abrangendo a avaliação e intensificação de objetivos mais básicos” (SEN, 1999b, p. 19). Enquanto a economia como engenharia “caracteriza-se por ocupar-se de questões primordialmente logísticas em vez de fins supremos e de questões como o que pode promover o ‘bem para o homem’ ou o ‘como devemos viver’”. (SEN, 1999b, p. 20). Diante disso, a economia deveria afastar-se da engenharia e aproximar-se da ideia aristotélica.

autointeresse não é o único sentimento que move as relações interpessoais na economia; e *ii*. O mercado não é totalmente desvinculado de qualquer tipo de instituição de regulação. Considerando tais elementos, a teoria smithiana não endossa uma ideia neoliberal de mercado ou um *laissez-faire tout court*, pelo contrário, sua teoria seria capaz de solucionar os severos problemas sociais atuais. Isso ocorre exatamente porque não se consegue da teoria smithiana estabelecer uma teoria de autossuficiência do mercado, haja vista que as escolhas econômicas envolveriam um complexo de valores sociais e morais que ultrapassam a simples relação de troca e autointeresse. Para Smith (*i.*), antes do interesse próprio há o sentimento de confiança mútua, que garante que a economia funcione adequadamente. Segundo ele, “quando as pessoas de qualquer país têm tanta crença recíproca que assegura o funcionamento da economia”⁵. Para Smith, essa confiança que as relações comerciais requerem nem sempre ocorre, o que acaba por gerar a crise. Utilizando-se desse recorte smithiano, Sen argumenta que a motivação das trocas comerciais no mundo continua sendo a mesma, entretanto, as pessoas estão menos confiantes o que se reproduz na falta de oportunidades de trocas que, por consequência, gera problemas de difíceis recuperações num contexto mundial⁶.

A teoria smithiana, segundo Sen, não defende a ideia de mera busca por obtenção de vantagens individuais que é atrelada a teoria da escolha racional⁷, consistindo apenas na promoção do autointeresse. Tal dedução extraída de sua teoria provém da interpretação *tout court* e equivocada da frase, “não é da bondade do homem do talho, do cervejeiro ou do padeiro que podemos esperar o nosso jantar, mas da consideração em que eles têm o seu próprio interesse”⁸. Tal erro acaba promovendo uma interpretação equivocada, uma vez que esse enxerto aparece muito pontualmente na *Riqueza das Nações* somente quando é tratada das transações comerciais; nesse sentido, o que essa passagem indica é como se dão essas transações no mercado. Em

5 Tradução nossa. Do original: (SMITH, apud, SEN, 2009b, p. 55. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/2009/03/26/capitalism-beyond-the-crisis/>>).

6 De acordo com Sen, “There were, in fact, very good reasons for mistrust and the breakdown of assurance that contributed to the crisis today. The obligations and responsibilities associated with transactions have in recent years become much harder to trace thanks to the rapid development of secondary markets involving derivatives and other financial instruments”. (SEN, 2009a). Disponível em: <<https://www.ft.com/content/8f2829fa-0daf-11de-8ea3-0000779fd2ac>>.

7 Acerca da teoria da escolha racional, Sen afirma que “consiste apenas na promoção inteligente do autointeresse”. (SEN, 2011, p. 63).

8 SMITH, 2016, p. 95. Do original: SMITH, 1776, p.30.

outras palavras, isso indica apenas que as transações com vantagens mútuas são comuns e não que somente o autointeresse regeria a economia, sendo o suficiente para uma sociedade boa⁹.

De fato, quando consideramos as barreiras burocráticas e as trocas vantajosas mediante os contratos o que percebemos é que são movidos pelo autointeresse, porém, existem muito mais atividades econômicas que apenas contratos bilaterais e restrições ao comércio e para essas questões, Smith ultrapassa o mero sentimento de autointeresse. Ademais, Sen ressalta que a palavra utilizada por Smith é “*exchange*” (troca) em detrimento de distribuição ou produção, demonstrando que a sua proposta é de um intercâmbio sustentável, no qual deve predominar a confiança mútua e não a simples obtenção de vantagem¹⁰.

No texto, *Adam Smith and the Contemporary World*, Amartya Sen afirma que os escritos de Smith ao ultrapassarem as explicações da Economia através da autossuficiência, inauguram a associação da teoria dos sentimentos morais para as escolhas pessoais, trazendo à tona a motivação moral como condição para o progresso econômico e social¹¹. Nesse movimento, surge a figura do espectador imparcial que havia sido proposto na obra *Teoria dos Sentimentos Morais*¹². Esse novo elemento trará as especificidades da psicologia moral para a área das escolhas econômicas. Segundo Sen, o espectador imparcial é uma exigência de justiça designada da imparcialidade que demonstra que em sociedade as pessoas estariam mais inclinadas às ideias de “homem

9 Cf. SEN, 1999a, p. 39.

10 Segundo Sen, “Unfortunately, in some schools of economics the reading of Smith does not seem to go much beyond those few lines, even though that discussion by Smith is addressed only to one very specific issue, namely exchange (rather than distribution or production), and in particular, the motivation underlying exchange (rather than what makes normal exchanges sustainable, such as trust and confidence in each other). In the rest of Smith’s writings there are extensive discussions of the role of other motivations that influence human action and behaviour.” (SEN, 2009a, p. 06).

11 Ao propor a igualdade de capacidades, Amartya Sen propõe a discussão de bem-estar aliada à avaliação de estados sociais, ampliando o sentido de bem-estar para propor políticas públicas de combate à desigualdade. Nesse sentido, a proposta de Sen parte da crítica ao modelo de teoria da escolha racional que era pautada no egoísmo e do teorema da possibilidade geral de Arrow, para propor a sua própria teoria da escolha social. Para Sen, a teoria da escolha social sempre esteve comprometida com os princípios democráticos e “julgamentos sociais e decisões públicas têm que depender de uma forma transparente das preferências individuais, entendidas de forma ampla”. (SEN, 2011, 32).

12 Nessa perspectiva os agentes sociais necessitam que suas ações sejam “aprovadas” não apenas por seus pares, mas também pelo espectador imparcial. Para Smith, “jamais podemos inspecionar nossos próprios sentimentos e motivos, a não ser abandonando, por assim dizer, nossa posição natural e procurando vê-los como se estivessem a certa distância de nós” (SMITH, 1999b, p.139).

bom”¹³ do que de “*Homo economicus*”¹⁴. De fato, ao analisarmos a *Teoria dos Sentimentos Morais* em conjunto com a *Riqueza das Nações* percebemos que a motivação das ações no mercado é pautada em princípios morais que ultrapassam a seara da esfera econômica. Smith apresenta o seu conceito de espectador imparcial como um modelo balizador das condutas humanas sendo adequado à convivência social. Ademais, o seu modelo prevê aspectos de prudência¹⁵, simpatia e caráter cooperativo.

Cabe ressaltar que (ii.) o fato de Smith ser contrário à restrição do comércio não faz com que ele deixe de ocupar-se com a função do Estado na resolução de questões sociais como a diminuição da pobreza e o acesso à Educação. Essa é uma área específica do pensamento de Smith, segundo o qual ele afirma não serem os comerciantes a produzirem a fome, visto que muitos surtos de fome não são provocados por uma “real escassez”¹⁶ atribuída à diminuição na produção de alimentos, mas por outros processos alheios a esse¹⁷. Outra explicação ainda mais relevante para as fomes coletivas seria os valores dos salários, o desemprego e o preço dos alimentos. Tais situações levam ao sobrepeso dos sistemas e associações que compõem a comunidade afetada¹⁸.

Por sua vez, a fome coletiva para Smith, relaciona - se intimamente com o desemprego e com o preço dos alimentos. Isso se dá através da insuficiência do poder

13 A ética de Smith, mais inclinada ao conceito de homem bom de Hutcheson é fundada na simpatia com o sentido de compartilhar afetos, emoções ou sentimentos. (Confira: Darwall, 1999).

14 *Homo Economicus* é aquele que age racionalmente, buscando maximizar o autointeresse. Para Sen, não há qualquer comprovação de eficiência para “o chamado ‘homem econômico’ que busca seus próprios interesses (...) embora as afirmações de convicção sejam abundantes, raras são as constatações de fatos reais. As garantias de que a teoria do autointeresse ‘será a vencedora’ têm-se baseado em alguma teorização especial em vez de na verificação empírica”. (SEN, 1999b, p. 32).

15 Confira o texto de Amartya Sen *Adam Smith’s Prudence*, de 1986.

16 SMITH, apud SEN, 1999a, p. 41.

17 Como, por exemplo, “by the waste of war, but in by far the greatest number of cases by the fault of the seasons; and that a famine has never arisen from any other cause but the violence of government attempting, by improper means, to remedy the inconveniences of a dearth”. (SMITH 1776, p.690).

18 De acordo com Sen: “It is also important to recognise that famines can follow from many different types of causal processes. For example, while in a boom famine food prices will sharply rise, in a slump famine they may not. If the economic change that leads to mass starvation operates through depressing incomes and purchasing powers of large groups of people, food prices may stay low - or rise only relatively little, during the process of pauperisation of these groups. Even when the slump famine is directly related to a crop failure due to, say, a drought, there may possibly be only a relatively modest rise in food prices, if the supply failure is matched by a corresponding decline in the purchasing power due to the same drought”. (SEN, 1986, p. 18).

de compra (*pull failure*) ou pela insuficiência da resposta (*response failure*) que ocorre quando os comerciantes manipulam o mercado para obter mais lucros. Segundo Sen, a grande mensagem deixada por Smith na erradicação da pobreza é “com respeito às políticas de combate à fome”¹⁹ através da “criação de direitos ‘*entitlements*’ de grupos vitimados mediante a geração de renda suplementar, deixando a cargo do mercado responder à demanda resultante das rendas geradas dos grupos que teriam sido vitimados sem essas providências”²⁰. Tais defesas suportariam políticas públicas voltadas para a produção. De acordo com Sen,

Os mercados e o capital, na visão de Smith, possuem sua própria esfera, mas primeiro eles precisavam de apoio de outras instituições - incluindo serviços públicos como escolas - e outros valores além da busca pura de lucro, e segundo, eles precisavam de restrição e correção por outras instituições - por exemplo, regulamentos financeiros bem concebidos e assistência estatal aos pobres - para prevenir a instabilidade, a desigualdade e a injustiça.²¹

De acordo com Sen, as instituições são previstas na teoria smithiana, devendo elas buscar solucionar os problemas que fossem eventualmente surgindo e não simplesmente deixando o mercado seguir livremente. Ao lidar com a questão da pobreza e os males físicos e psíquicos provocados por ela é que emerge a importância de solucionar os problemas de desigualdade²², reconhecendo o caráter plural da pobreza, bem como a sua complexidade. Para Sen, Smith não lida apenas com a pobreza enquanto necessidade de resolução de problemas de subsistência, mas como qualidade de vida e garantia de bens e serviços considerados indispensáveis e que serão o nosso objeto de trabalho no próximo tópico.

Dessa forma, ao fazer essa releitura, Sen defende que o crescimento econômico não pode ser sensatamente considerado um fim em si mesmo, devendo estar relacionado, sobretudo, com a melhoria da qualidade de vida que levamos e as liberdades que desfrutamos. Para ele, o distanciamento entre ética e economia caracterizou a motivação humana de modo restrito, na qual a abordagem ética diminuiu

19 SEN, 1999b, p. 43.

20 Idem, *ibidem*.

21 Tradução nossa. Do original: “Smith viewed markets and capital as doing good work within their own sphere, but first, they required support from other institutions - including public services such as schools - and values other than pure profit seeking, and second, they needed restraint and correction by still other institutions - e.g., well-devised financial regulations and state assistance to the poor - for preventing instability, inequity, and injustice”. (SEN, 2009b, p. 4).

22 Confira a obra de Sen, *Poverty and famines* (1981).

substancialmente com a evolução da economia moderna, deixando de lado uma gama de variáveis de consideração ética que afetam o comportamento humano. As apreciações dessa noção de economia propicia a aversão às análises normativas, bem como o descaso pelas influências éticas sobre o comportamento humano. Tal situação é extremamente problemática para Sen, haja vista que, “a economia, como ela emergiu, pode tonar-se mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humano”²³. Assim, Sen reaproxima a Economia da Ética como forma de promoção do progresso pessoal.

2. Sen e o desenvolvimento das capacidades como forma de desenvolvimento humano

Amartya Sen ao propor seu modelo político igualitário, criticará, inicialmente, as principais teorias da justiça, para isso, traçará um paralelo entre as duas vertentes éticas do iluminismo moderno, a saber: *i.* as teorias morais transcendentais e *ii.* comparativas. A primeira diz respeito ao que Sen denomina como “institucionalismo transcendental” que vem permeando o discurso ético contemporâneo, sendo focado em arranjos (*arrangement-focused*). Essa corrente teórica possui o limite de não conseguir realizar um julgamento moral sem definir “um único conjunto de princípios”²⁴. É na análise desse pensamento que encontraremos as principais críticas de Sen à proposta de justiça focada em arranjos do filósofo John Rawls²⁵, haja vista que apresenta, segundo ele,

23 SEN, 1999b, p. 10.

24 SEN, 2011, p. 235. De acordo com Sen, são filósofos da corrente de pensamento da justiça transcendental: Hobbes, Rousseau, Kant, Rawls. O problema do institucionalismo transcendental é que “primeiro, concentra a atenção o que identifica como justiça perfeita, e não nas comparações relativas de justiça e injustiça. Ela apenas busca identificar características sociais que não podem ser transcendidas com relação à justiça; (...) Segundo, na busca da perfeição, o institucionalismo transcendental se concentra antes de tudo em acertar as instituições, sem focalizar diretamente as sociedades reais que, em última análise, poderiam surgir”. (SEN, 2011, p. 36).

25 John Rawls é o precursor do modelo igualitário que oportuniza o acesso aos bens primários (primary goods), tais como liberdades, oportunidades, riqueza, rendimento, entre outros, aliando direitos individuais à ideia de justiça social. Como um deontologista, Rawls não considera justo o modelo utilitarista embasado na concepção de Estado de bem-estar (welfare state). Sua teoria da justiça, denominada justiça como equidade (justice as fairness), busca desenvolver as bases para as instituições sociais e políticas através de princípios de justiça por todos acordados na chamada posição original (original position). Segundo Paul Smith, “a principal ideia da justiça como equidade é que os princípios da justiça para a estrutura básica da sociedade são aqueles com os quais pessoas racionais devem concordar, visando a promover seus interesses, em uma posição inicial de igualdade.” (SMITH, 2009, p.209).

problemas de factibilidade ao buscar soluções transcendentais com instituições perfeitas e não a realidade social.

A segunda ramificação iluminista que é aderida por Sen, propõe a “comparação focada em realizações” (*realization – focused comparison*) que identifica a impossibilidade da construção de instituições políticas perfeitas e se concentra nos critérios estabelecidos capazes de orientar as escolhas humanas para que sejam alternativas justas e viáveis²⁶. Nessa ramificação são reconhecidas a ineficiência da fundamentação racional capaz de definir critérios perfeitos de justiça, levando-nos a elaborar parâmetros que permitam escolher entre os múltiplos valores éticos existentes em uma comunidade. Essa vertente é considerada por Sen como a adequada para lidar com questões de justiça em âmbito macro e micro. Devendo essa teoria orientar as decisões políticas capazes de ampliar a justiça global e minimizar as injustiças intoleráveis. Dentre os principais adeptos da justiça substantiva encontra-se Adam Smith.

A teoria seniana aduz a substituição “da lista heterogênea de bens primários, com seu emprego proeminente de recursos (renda e riqueza) como indicadores de bem-estar, por uma lista de capacidades, e todas elas seriam então, empregadas para medir a qualidade de vida”²⁷. Com vistas a garantir essa qualidade de vida, seu modelo de desenvolvimento humano pauta-se nas capacidades de funcionamento (*functionings*) do indivíduo, ou seja, mais do que propiciar bens básicos, o sujeito deve ter a capacidade (*capability*) necessária para alcançar o que é desejado. Segundo Vita, “o que Sen nos propõe não é propriamente uma teoria da justiça, mas uma concepção de justiça distributiva em sentido estrito”²⁸, que com base nas ideias de liberdade e funcionalidade que Sen engendra a teoria de igualdade de capacidades²⁹.

26 São considerados por Sen, como adeptos da vertente de justiça substantiva além de Adam Smith, Condorcet, Marx e Stuart Mill.

27 NUSSBAUM, 2013, p. 202.

28 VITA, 2008, p. 92.

29 Sen afirma que em sua teoria o termo: “Capacidade [Capability] não significa o mesmo que ‘Capacidade’ [ability] no sentido ordinário do termo, como quando se diz que ‘A pessoa P é capaz de nadar’ porque neste sentido, ‘capacidade’ não implica em ‘oportunidade’: P pode ser capaz de nadar mesmo sem ter a oportunidade de nadar” (SEN, 2008, p. 234). As capacidades são definidas derivadamente a partir de funcionamentos e consistem em combinações diferentes de funcionamentos, na liberdade substantiva que a pessoa desfruta para levar o tipo de vida que julga razoável.

Nesse sentido, é buscado o desenvolvimento econômico³⁰ a partir das ideias de capacidade e liberdade para a busca de bem-estar que, por sua vez, exige as funcionalidades³¹, que são “a capacidade igual de funcionar”³². Em outras palavras, estar adequadamente vestido, nutrido, conseguir ler e compreender um texto, estar livre de epidemias, sendo capaz de participar da vida em comunidade (poder participar de associações de moradores, partidos políticos), bem como ter desenvolvido o sentimento de autoestima e reconhecimento³³.

Somente partindo dessas funcionalidades é que será proporcionada a igualdade de capacidade, isto é, a liberdade efetiva de escolha que, aliada às funcionalidades, proporcionarão a igual capacidade do indivíduo. As funcionalidades são os estados das pessoas e as capacidades são as ações que as pessoas praticam para alcançar os funcionamentos, sendo um reflexo da liberdade para realizar uma funcionalidade, ou seja, um bem-estar³⁴. De acordo com Sen, cada pessoa tem funções de bem estar ou utilidades representados por um pacote de bens e serviços. Para saber o pacote adequado para cada indivíduo Sen propõe a “mudança de variável focal” para a avaliação e comparação interpessoal das vantagens individuais. Nesse sentido, é preciso focalizar

30 Segundo Putnam, a ideia de desenvolvimento econômico em Sen possui um sentido mais amplo do que o comumente adotado, uma vez que para “a sabedoria convencional é que o único problema é aumentar a renda monetária ou, talvez, o rendimento econômico bruto das nações ‘subdesenvolvidas’. Uma maneira pela qual Sen expõe a necessidade de medidas mais sensíveis de ‘subdesenvolvimento’, pobreza e outras formas de privação econômica é observando como são em si mesmas fracas as medidas de quantidade de dinheiro para o bem-estar econômico e do produto econômico bruto e como é seriamente limitada a ‘base informacional’, quando falhamos com obter informação sobre como os resultados flutuam, dados os níveis de renda ou produção, sob várias condições”. (PUTNAM, 2008, p.83). Para saber mais acerca das limitações das bases informacionais de renda e riqueza, confira o capítulo 4 da obra de Amartya Sen Desenvolvimento como liberdade (2000).

31 De acordo com Putnam, a proposta de funcionings não é originária do pensamento de Sen, ele afirma que, “é apropriado mencionar que essa noção de ‘funcionalidades’ foi antecipada por Walsh em Scarcity and evil, de 1961. O termo de Walsh era ‘realizações’ e, como Sen, ele conectava uma noção bastante ampla de realizações ou funcionalidades com uma preocupação com o caráter da vida humana como um todo, o que se encontra já em Aristóteles”. (PUTNAM, 2008, p. 82). Segundo Sen, “a person’s capability to achieve functionings that he or she has reason to value provides a general approach to the evaluation of social arrangements, and this yields a particular way of viewing the assessment of equality and inequality”. (SEN, 1992, p.4).

32 VITA, 2008, p. 98.

33 Segundo Sen, “o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência de serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos”. (SEN, 2000, p.18).

34 Acerca disso Sen afirma que: “a abordagem da capacidade está particularmente interessada em transferir esse foco sobre os meios para a oportunidade de satisfazer os fins e a liberdade substantiva para realizar esses fins arrazoados”. (SEN, 2011, p. 268).

diretamente estados e ações que as pessoas realizam ao viver – isso é o funcionamento. Por exemplo, andar de bicicleta pode para uns, ser visto como uma atividade prazerosa e para outros um meio de transporte.

Para a garantia dessa condição de desenvolvimento humano, Sen atribui à economia o papel fundamental de determinar os meios para promoção do crescimento de renda, consumo e satisfação que garantirão essa justiça. A promoção do bem-estar (não se confunde com a maximização) questiona onde está o valor próprio da vida humana. Obviamente, para Sen, certas coisas são mais valiosas que outras, por exemplo, estar livre de doenças e bem alimentado, pois toda vida digna só se realiza se essas forem garantidas. São os funcionamentos básicos que serão os meios para ampliar escolhas e liberdades que promoverão o desenvolvimento humano.

Por sua vez, a capacidade refere-se à habilidade do indivíduo de realizar atos que são importantes e valiosos para ele próprio, ou seja, ações que proporcionam o seu florescimento humano. Dessa maneira, as capacidades são combinações de estados físicos e mentais que uma pessoa é capaz de ser ou fazer³⁵, sendo “um conjunto de vetores de funcionamentos, refletindo a liberdade da pessoa para levar um tipo de vida ou outro”³⁶, representando as várias combinações de funcionamento que uma pessoa pode realizar. Em outras palavras, as capacidades não são apenas oportunidades ou “funcionalidades valiosas, elas são as liberdades de usufruir as funcionalidades”³⁷ para o alcance de determinado projeto de vida. O problema para Sen é centrado no fato de que os indivíduos são diferentes, *pari passu*, almejam e alcançam diferentes tipos de realizações e desenvolvimento. Essas diferenciações entre os seres humanos são tanto de tipos pessoais (sexo, idade, características físicas, psicológicas e mentais), quanto sociais (tais como riqueza, pobreza e responsabilidades herdadas)³⁸. A relação entre a igualdade e a liberdade que se dá por meio das funcionalidades será a responsável pelas

35 Para Nussbaum, essa capacidade frisa a “variabilidade da necessidade de recursos entre os indivíduos (...) e sua capacidade de converter esses recursos em funcionalidades” (NUSSBAUM, 2013, p.202), buscando proporcionar o real desenvolvimento individual e, por consequência, da comunidade.

36 SEN, 2008, p. 80.

37 PUTNAM, 2008, p.85.

38 Segundo Gargarella, a teoria de Sen “é algo posterior à igualdade de bens primários e de recursos, mas é anterior à utilização de bens, como Sen exemplifica em relação ao nível nutricional de cada pessoa”. (GARGARELLA, 2008, p. 72).

oportunidades e capacidades que engendrarão a escolha social do indivíduo³⁹. Nesse sentido, “a necessidade de focar as capacidades fica especialmente clara quando consideramos os casos em que os indivíduos se encontram limitados de diversas formas atípicas em função da própria estrutura da sociedade”⁴⁰, como no caso das sociedades que impediam negros de estudar e que, por isso, necessitarão de esforços extras para o letramento desses⁴¹.

Sen diminui o valor dado às instituições sociais básicas para frisar que para a efetivação da justiça, mais do que ter acesso a esses bens, os indivíduos necessitam ter a real liberdade de escolha, que proporcionará o seu desenvolvimento. Segundo Sen:

O desenvolvimento pode ser visto, argumenta-se aqui, como um processo de expansão das liberdades reais de que desfrutam as pessoas. Enfocar a liberdade humana contrasta com concepções mais estreitas do desenvolvimento, como as que o identificam com o crescimento do produto nacional bruto ou com o aumento da renda pessoal, ou com a industrialização, ou com o avanço tecnológico, ou com a modernização social. Ver o desenvolvimento em termos da expansão das liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que tornam o desenvolvimento importante, antes que meramente para os meios, que, *inter alia*, cumprem parte proeminente no processo⁴².

É possível perceber que a garantia apenas da igualdade material é insuficiente para o progresso humano, pois ela *de per se* não é capaz de proporcionar a realização dos projetos de vida dos indivíduos. Para essa concretização é necessário o desenvolvimento das capacidades e funcionamentos que proporcionarão a condição real

39 Em relação à escolha social, Putnam afirma que: “A novidade introduzida por Sen é que, nos casos de privação extrema e duradoura, a satisfação dos desejos pode também ser uma base informacional empobrecida, porque uma consequência frequente desse tipo de privação é a redução no âmbito dos desejos, devido ao desespero da situação”. (PUTNAM, 2008, p. 84). De acordo com Sen: “A thoroughly deprived person, leading a very reduced life, might not appear to be badly off in terms of the mental metric of desire and its fulfilment, if the hardship is accepted with non-grumbling resignation. In situations of longstanding deprivation, the victims do not go on grieving and lamenting all the time, and very often make great efforts to take pleasure in small mercies and to cut down personal desires to modest—‘realistic’—proportions”. (SEN, 1992, p. 55).

40 NUSSBAUM, 2013, p 203.

41 Apenas com o intuito de ilustrar podemos observar a exposição de Sen: “In fact, it turns out that men in China and in Kerala decisively outlive African American men in terms of surviving to older age groups. Even African American women end up having a survival pattern for the higher ages similar to that of the much poorer Chinese, and decidedly lower survival rates than the even poorer Indians in Kerala. So it is not only the case that American blacks suffer from relative deprivation in terms of income per head vis-à-vis American whites, they also are absolutely more deprived than the low-income Indians in Kerala (for both women and men), and the Chinese (in case of the men), in terms of living the ripe old age. (SEN, 1999a, p. 21).

42 SEN, 2000, p. 03. Para saber mais acerca de teoria igualitária da igual capacidade de Amartya Sen, confira: Desenvolvimento como Liberdade (2000).

de realização pessoal. Nesse sentido, a igualdade de oportunidades e escolhas envolve não somente a disponibilidade de recursos, mas o acesso das pessoas a esses recursos que dependerão das habilidades individuais, haja vista que esses talentos são considerados por Sen como limitantes da liberdade substantiva de ter e fazer escolhas e, por conseguinte, lutar por seus desejos. Diante disso, as oportunidades reais dos agentes vale mais que os recursos em si, apesar desses últimos limitarem os objetivos.

As realizações sociais (capacidades/exigências deontológicas) serão avaliadas com relação às capacidades que as pessoas de fato têm e não com relação as suas utilidades ou felicidade. O desenvolvimento humano visa à vida com escolhas genuínas, como poder fazer, deixar de fazer, escolher ou abandonar. Nesse sentido, as oportunidades reais são medidas por funções que são valoradas por: recursos, talentos, condicionamentos, direitos, expectativas, escolhas anteriores, ações individuais, autoestima, poder de iniciativa, voz na comunidade. Por outro lado, os governos e a pobreza podem fazer com que as pessoas percebam suas privações distorcidamente, não podendo assim fazer a escolha que de fato gostariam. Nessa perspectiva, cabe a intervenção das instituições como requer Smith. Nessa perspectiva, quanto maior o pacote de oportunidades maior será a liberdade individual, que por sua vez determinará aquilo que queremos e valorizamos.

Dessa forma, as realizações, bem como a igualdade de capacidades defendidas por Sen, podem ser aliadas ao livre comércio defendido por Smith, porquanto poderá proporcionar o enriquecimento da nação e com isso o aumento da produção de mantimentos, dos salários e dos empregos. Evitando, assim, a pobreza da nação que impede o desenvolvimento e a liberdade como encetava Amartya Sen.

Considerações finais

Por tudo o que vimos, a influência do pensamento econômico e moral de Adam Smith foi determinante para a teoria política e igualitária de Amartya Sen. Através desse estudo compreendemos que o motor das relações econômicas no pensamento smithiano é a confiança entre os indivíduos, que proporcionará as relações de trocas. Ademais, o Estado ao tentar erradicar os problemas sociais, como as questões envolvendo a

pobreza, precisa lançar mão de uma proposta igualitária, como a seniana para a promoção do desenvolvimento humano.

Tendo em vista que, a globalização e a economia internacional diminuem a desigualdade entre os países, esta contribui para o desenvolvimento que Amartya Sen requer aos olhos de Adam Smith. Partindo dessa ideia se mostra satisfatória a aproximação da Ética e da Economia para a resolução dos problemas sociais vigente. Nesse sentido, as rendas e os recursos propiciados pela economia internacional e que irão propiciar o desenvolvimento dos funcionamentos e capacidades mínimas, crescem junto com a evolução da economia e o convívio social, haja vista que o progresso propicia a paz global através do benefício mútuo. A economia, por sua vez, promove a sensação de comunidade, bem como proporciona a democratização entre os países, configurando condição para a redistribuição e eliminação das desigualdades.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DARWALL, Stephen. *Sympathetic Liberalism: Recent Work on Adam Smith*. *Philosophy and Public Affairs*, 1999.
- GARGARELLA, Roberto. *As teorias da justiça depois de Rawls: Um breve manual de filosofia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- NUSSBAUM, Martha. *Fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- ONU, Relatório de desenvolvimento humano. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf. Acesso em 30 de novembro de 2016.
- PUTNAM, Hilary. *O colapso da verdade e outros ensaios*. Aparecida: Idéias e letras, 2008.
- RAWLS, John. *Uma Teoria da Justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SEN, Amartya. Adam Smith and the Contemporary World. *Erasmus Journal for Philosophy and Economics*, Volume 3, Issue 1, Spring, 2010, pp. 50-67.
- _____. Adam Smith's market never stood alone, 2009a. Disponível em: <https://www.ft.com/content/8f2829fa-0daf-11de-8ea3-0000779fd2ac>. Acesso em 28 de novembro de 2016.
- _____. Adam Smith's Prudence. *Theory and Reality in Development*. London: MacMillan, 1986.
- _____. *A ideia de justiça*. São Paulo: Companhia das letras. 2011.

- _____. *Capitalism Beyond the crisis*, 2009b. Disponível em:
<http://www.nybooks.com/articles/2009/03/26/capitalism-beyond-the-crisis/>.
Acesso em 04 de dezembro de 2016.
- _____. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Desigualdade reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. *Developmente as Freedom*. New York: Anchor Books, 1999a.
- _____. *Inequality Reexamined*. New York: Oxford University Press, 1992.
- _____. O Desenvolvimento como Expansão de Capacidades. *Lua Nova*, nº 28/29. 1993. pp. 313 - 333.
- _____. *On ethics and economics*. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- _____. *Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1981
- _____. *Sobre ética e economia*. São Paulo: Companhia das letras, 1999b.
- SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and causes of the wealth of nations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1776.
- _____. *Lecture on Jurisprudence*. Oxford: Clarendon Press, 1763.
- _____. *O Inquérito sobre a natureza e as causas da Riqueza das Nações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.
- _____. *Teoria dos Sentimentos Morais*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1999.
- _____. *The theory of Moral Sentiments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1759.
- SMITH, Paul. *Filosofia Moral e política: principais questões, conceitos e teorias*. São Paulo: Madras, 2009.
- VITA, Álvaro de. *O liberalismo igualitário: Sociedade democrática e justiça internacional*. São Paulos: WMF Martins Fontes, 2008.
- WORLD TRADE ORGANIZATION. General Agreement on Tariffs and Trade. Uruguai: Publicação GATT, 1994. Disponível em:
https://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/06-gatt_e.htm. Acesso em 30 de novembro de 2016.